



## GEO-(RE)EXISTÊNCIAS: A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER E AS DINÂMICAS ESPACIAIS DE SOBREVIVÊNCIA<sup>1</sup>

Carolina da Silva Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho busca apresentar o debate sobre o corpo feminino e às formas como ele se materializa no espaço em meio às disputas culturais e sociais, e também com a percepção dos espaços que ele pode frequentar, aspecto *ligado ao direito à livre circulação e à possibilidade de usar a cidade de forma igualitária* e sem medo. Com isso, o objetivo principal é analisar os circuitos espaciais de violência que a mulher<sup>3</sup> cisgênera em relações heterossexuais participa no município de São Gonçalo ao sofrer ao sofrer violência. Como metodologia organizou-se, um mapeamento dos espaços de atendimento a mulher, em diálogo com as reflexões sobre sua distribuição e organização espacial. Como resultado, percebeu-se como é violento e dificultoso os percursos enfrentados por esses corpos em busca de proteção.

Palavras-chave: Geografia Feminista, Corpo Feminino; Espacialidade da Violência.

### RESUMEN

Este trabajo busca un debate sobre el cuerpo femenino y las formas en que se materializa en el espacio en medio de disputas culturales y sociales, pero también con la percepción de los espacios que puede frecuentar, aspecto vinculado al derecho a la libre circulación y la posibilidad de uso. la ciudad por igual y sin miedo. Así, el objetivo principal de este trabajo es analizar los circuitos espaciales de violencia que las mujeres cis generan en las relaciones heterossexuales, participan en el municipio de São Gonçalo cuando sufren violencia. Como metodología, se organizó un mapeo de los espacios de atención a las mujeres, en diálogo con las reflexiones sobre su distribución y organización espacial. Como resultado, se notó lo violento y difícil que es el camino que enfrentan estos cuerpos en busca de protección.

Palabras clave: Geografía feminista, cuerpo femenino; Espacialidad de la violencia.

<sup>1</sup> Esse artigo parte das indagações e questionamento produzidos durante minha dissertação de mestrado intitulada A escalaridade do corpo na violência contra mulher: uma análise a partir do município de São Gonçalo – RJ, que teve como agência de Fomento CAPES.

<sup>2</sup> Mestre no programa de pós-graduação em Geografia: Produção Social do Espaço: Natureza, Política e Processos Formativos em Geografia - na linha Relações de Poder da UERJ/FFP. Email: carolinasantos90@gmail.com;

<sup>3</sup> Parti-se da perspectiva dos corpos de mulheres cisgêneras que é uma forma de categorização de pessoas que se identificam no gênero que lhes foi atribuído desde a descoberta de sua existência. Esta é amarrada nas definições biológicas binárias constituídas socialmente. É importante indicar essa definição, pois entendemos que existem outros corpos que vivenciam as múltiplas violências e são marcados por ela, mas nesse artigo optamos caminhar nesse recorte, por ser o grupo que aparece nos documentos analisados de denúncia de violência contra mulher.



## INTRODUÇÃO

O Brasil registra anualmente índices alarmantes da violência contra mulheres. Um número expressivo que atinge mulheres de todas as classes, cores, origens e religiões, e tem relação direta com a construção dos espaços de subordinação em relação ao homem, assim como podemos ver em Federeci (2017) e Davis (2016).

O reconhecimento dessa violência como um crime auxilia na prevenção, proteção e assistência, já que mulheres morrem todos os dias por serem mulheres, o que demonstra a dimensão da violência de gênero nos mais variados contextos espaciais. Por isso, são fundamentais estudos e pesquisas que ajudem a visibilizar essa problemática, contribuindo no debate sobre as políticas públicas que podem combater a violência contra as mulheres. Assim, a presente pesquisa é motivada pelo reconhecimento da relevância social e do caráter complexo do tema, visto que as situações de violência contra mulher persistem ao longo dos tempos.

Neste sentido, o debate sobre o corpo feminino e a constatação de que essa abordagem é possível, tem relação não apenas com o exercício do direito ao próprio corpo e às formas como ele se materializa no espaço em meio às disputas culturais e sociais, mas também com a percepção dos espaços que ele pode frequentar, aspecto *ligado ao direito à livre circulação e à possibilidade de usar a cidade de forma igualitária* e sem medo. Com isso, o objetivo principal desse trabalho é analisar os circuitos espaciais de violência que a mulher cisgenera em relações heterossexuais participa no município de São Gonçalo ao sofrer ao sofrer violência.

## METODOLOGIA

A metodologia consta em três etapas: a primeira é o levantamento bibliográfico na área da geografia e das ciências sociais, para demonstrar que o fenômeno da violência contra mulher pode ser estudado a partir da dinâmica espacial. Dessa forma, verifica-se como a Geografia oferece um cabedal teórico-conceitual que potencializa essas análises. A segunda etapa consiste no mapeamento e análise dos espaços- e as dinâmicas entre eles - em que mulheres em situação de violência, podem percorrer para



auxílio, proteção e apoio pela cidade. Entendemos que este processo configura-se, um circuito espacial de violência, conforme aponta Lan (2011). A terceira etapa é a análise junto a esse mapeamento de dados sobre a violência contra a mulher elaborados pelo Instituto de Segurança Pública – ISP, nos documentos do Dossiê da Mulher, que reforça a relevância deste trabalho.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Partimos de uma Geografia Feminista<sup>4</sup> que busca questionar o campo epistemológico geográfico permeado por “silenciamentos, ausências e marginalizações” (SILVA, ORNAT, JUNIOR, 2017, p.21). O texto parte de uma base teórico-metodológica que ajuda a problematizar a posição do corpo da mulher na sociedade. Embora este seja um tema transversal, pretende-se mobilizar os conceitos geográficos com o intuito de avançar e contribuir em seu campo de estudo e dar, assim, maior visibilidade ao tema nessa ciência.

A violência contra a mulher está bastante relacionada às ideias culturais e sociais que delimitam o que é papel ou dever do homem e da mulher na sociedade. Usa-se uma perspectiva que assume os debates de violência contra mulher como uma expressão de visibilidade da temática, mas também de (re)existência. Trabalhamos com esse termo por entender que existir frente as opressões e violências cotidianas e sistêmicas se caracteriza como uma forma de resistir, por isso re-existência (Porto-Gonçalves, 2009)

A geografia brasileira<sup>5</sup> há algum tempo vem caminhando na ampliação dessas análises<sup>6</sup> com abordagens temáticas como o gênero, a sexualidade, questões étnico-

---

<sup>4</sup> No Brasil, desde o final do século XX e no decorrer do XXI, esse espaço é ocupado por novos fluxos, grupos, debates, configurações que dão múltiplos olhares a esse campo acadêmico. Considera-se, importante a produção de muitas geógrafas que ao longo de suas trajetórias contribuíram para o desenvolvimento de olhares geográficos com viés feminista — como o exemplo de Rosa Ester Rosini (pioneira nos estudos de Geografia e gênero no Brasil com reflexões importantes para abrir novos caminhos e dar visibilidade à mulher no espaço geográfico) e Joseli Maria Silva (Geógrafa com ampla discussão no campo de gênero e sexualidades) entre muitas outras.

<sup>5</sup> Considera-se, importante a produção de muitas geógrafas que ao longo de suas trajetórias contribuíram para o desenvolvimento de olhares geográficos com viés feminista, além de ocuparem o espaço do fazer científico.

<sup>6</sup> Diante dessa necessidade, trabalhos produzidos na geografia que estão relacionados às temáticas da geografia feministas, do gênero entre outras temáticas são publicados pela: Revista Latino-americana de geografia e Gênero” que vem se dedicando a caminhar nessa linha. As



raciais, o corpo feminino, patriarcado, violência contra mulher, violência doméstica entre outros.

A geografia feminista toma esses debates listados anteriormente, assim como outros, para si na busca de refletir por uma perspectiva que vá para além das formas tradicionais com as quais são utilizados os conceitos na ciência geográfica. Indo pelas fissuras, lacunas, nos lugares e espaços subalternizados, em busca de visualização das extensas relações, dinâmicas e vivências sociais, há nesse processo de pesquisa a consciência de que a ciência é feita por pessoas pela e para toda sociedade. Assim, atribui-se ao espaço novas concepções e distintos ângulos de observação, pois fazer esse procedimento vai ao encontro a uma ética feminista. Tal ampliação resulta nas disputas das agendas desta ciência, a partir das quais esses temas poderiam desfrutar de uma invisibilidade intencional ou não.

Em contraponto a essa invisibilidade, pensar sobre os corpos abjetos apresentados por Butler (2020) auxilia a refletir não apenas sobre a invisibilidade de determinados corpos e sua marginalização e rejeição, mas também sobre sua vulnerabilidade na sociedade. Silva (2011, 2014) apresenta que o corpo feminino vivencia o espaço geográfico de forma diferenciada, assim como corpos trans e negros. Para ela, essa análise deve ser feita levando em consideração toda construção histórica da opressão, sendo essa corresponsável pelos processos de organização do espaço geográfico que configuram as práticas espaciais inseridas nas estruturas de poder. A percepção de que os corpos estão organizados socialmente por gênero e que, com isso, homens e mulheres vivenciam este de forma individual de acordo com suas experiências é crucial.

[...][S]e todas as experiências vividas pelas pessoas possuem uma dimensão espacial e as pessoas experienciam o mundo com seus corpos e seus corpos estão organizados socialmente pelo gênero, podemos afirmar que compreender as formas como homens e mulheres experienciam a vida e, por consequência, o espaço, é com toda certeza profundamente geográfico (SILVA, 2014, p. 98).



Há um histórico de múltiplas violências e conflitos nas experiências que o corpo feminino vivencia em seu espaço particular e no espaço coletivo. Essas experiências mudam de acordo com as marcas que esse corpo carrega (Louro, 2004).

Portanto, o corpo é cheio de significados, experiências e resistência. Ele está no espaço social, vivendo de forma coletiva e ao mesmo tempo, é espaço vivenciando a multiplicidade de interferências do meio em que vive. Esse espaço que não é morto ou rígido como explicita Massey (2008), ele é dinâmico, contínuo e aberto, produto de inter-relações, sendo, portanto, plural: “uma multiplicidade de trajetórias” (2008, p. 100).

Nos estudos metodológicos sobre violência é fundamental a escolha da escala de análise para potencializar e dar visibilidade a esta problemática (Silva, 2014). Essa ferramenta ganha importância ao entendermos que a violência é um fenômeno multiescalar e que seu uso pode ajudar e auxiliar a visibilizar as relações e trajetórias das experiências vivenciadas, Santos (2011).

Destaca-se, a importância de observar os fenômenos sobre a perspectiva do corpo como escala, que vivencia variações em seu cotidiano é perceber que o mesmo é espaço individual de ações de luta oposição, rebeldia e palco das relações e atravessamentos sociais.

Diante desse histórico, nos estudos metodológicos sobre violência, é fundamental a escolha da escala de análise para potencializar e dar visibilidade a esta problemática (Silva, 2014). Essa ferramenta ganha importância ao se entender que a violência é um fenômeno multiescalar e que seu uso pode auxiliar a visibilizar as relações e trajetórias das experiências vivenciadas.

As diferenças que compõem o olhar desta ciência sobre esses corpos acabam por contribuir e normatizar as formas com que eles vão ser interpretados, tratados e/ou violentados. A leitura social sobre quais são os corpos que podem ou não ser violentados e agredidos de múltiplas formas vão, é claro, para além das questões de gênero. Mas no caso de violência contra mulher, a análise de diferenciação corporal social auxilia na compreensão das formas de dominação contra estes corpos.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a divisão anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho (O corpo e seus movimentos, matrizes de universais que estão



submetidos a um trabalho de construção social, não são nem completamente determinados em sua significação, sobretudo sexual, nem totalmente indeterminados, de modo que o simbolismo que lhes é atribuído é, ao mesmo tempo convencional e “motivado”, e assim percebido como quase natural.) Dado o fato de que é princípio de visão social que constrói a diferença anatômica, e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que alicerça, caímos em uma relação de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade[...] (BOURDIEU, 2002, p.20)

O corpo, como objeto de estudo, tem sido cada vez mais pesquisado pela ciência geográfica. Este objeto demanda cuidado e atenção para perceber as relações de poder que o cercam, violentam, dominam/subordinam por diferenciações construídas culturalmente e economicamente. A ciência não é feita por corpos neutros e sim corporalidades múltiplas, uma gama de sujeitos que vivenciam e experienciam o espaço de forma ampla e diversificada.

Nessa pesquisa busca-se tratar especificamente o espaço corporificado por corpos femininos marcados pela violência de gênero e doméstica, compreendendo que estas ocorrem no espaço público e privado. Esta discussão será feita em diferentes escalas, pois, assim como Grandi (2020) explicita, a análise de um fenômeno em apenas uma escala não consegue dar compreensão de um todo, afinal, cada recorte é particular e traz consigo singularidades de determinados fenômenos.

Com isto, percebe-se como este tema está ancorado em uma nova epistemologia que busca criar mecanismos de análises e não se restringir apenas ao dado econômico, para que de fato se consiga compreender as problemáticas que estão envoltas na sociedade. Existe, portanto, uma iniciativa de contribuir para a ciência geográfica de maneira a estimulá-la a caminhar, de forma mais ampla e aberta, a novos temas que vão além da emergência dos sujeitos na pesquisa

Lan (2010, 2017) é uma autora que nos apresenta o conceito de “circuitos espaciais da violência”, que será utilizado neste trabalho para entender as trajetórias percorridas pelas mulheres em busca de atendimento e proteção. O ciclo de violência aludido pela autora diz respeito ao fato das mulheres saírem de casa (ou o locus da violência) em busca de instuições, espaços de cuidado e denuncia, e ainda, acionando quando possível as redes de apoio em casas de familiares, mas ao final terem que retornar ao ponto inicial de seu percurso. Este circuito também é formado por subcircuitos que são espaços marcados por lugares como casas de parentes, amigas/os que as mulheres frequentam. Quando as mulheres transitam por esses espaços públicos e



privados e retorna ao começo do ciclo de violência, se forma um círculo espacial da violência.

Diante do que essas referências expõem, iremos buscar compreender sobre a mulher e os percursos percorridos por ela em busca de atendimento da rede de proteção da mulher no município de São Gonçalo, protagonizando esse circuito. É sabido que existem múltiplas possibilidades e inúmeros de particularidade em cada situação. Mas, a intenção é apenas expor uma das possibilidades que auxilie o leitor a conhecer essa dinâmica sócio-espacial, com auxílio do referencial teórico-metodológico da geografia.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

São Gonçalo é localizado na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, é um município populoso e tem em sua agenda diversas questões urgentes a serem resolvidas. Como, por exemplo, serviços públicos precários e de baixa qualidade, trajetos e distribuição das redes de apoio a mulher sem infraestruturas e logística. Consideramos aqui, no contexto do município e sua organização espacial, a necessidade de políticas públicas que auxiliam no deslocamento aos espaços de atendimento e acesso, articulação combinada entre as redes e facilitação no processo de atendimento e apoio. A melhoria na mobilidade entre esses espaços pode auxiliar no maior deslocamento de mulheres que buscarem esses espaços.

Dessa forma, embora sejam múltiplos os fatores que influenciam a violência contra a mulher, a construção de uma sociedade patriarcal foi e ainda é um dos pilares que sustentam a aceitação e a naturalização desse problema (Saffioti, 2015). O reconhecimento dessa violência como um crime auxilia na prevenção, proteção e assistência, já que mulheres morrem todos os dias por serem mulheres, o que demonstra a dimensão da violência de gênero nos mais variados contextos espaciais.

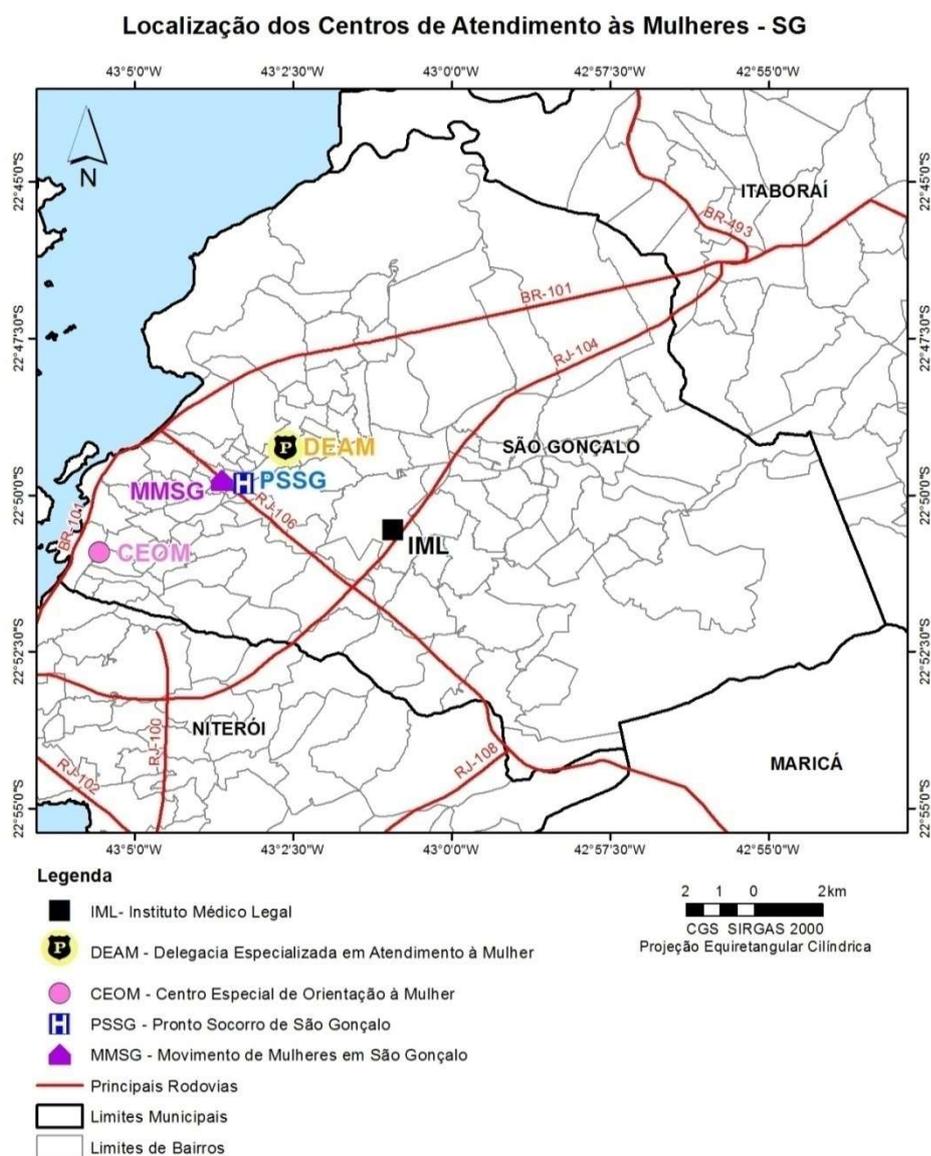
O mapa 1, busca expor, os espaços de atendimento proteção e apoio a mulher no município de São Gonçalo. O que notamos, é que espacialmente esses espaços não são próximos e exigem deslocamentos pela cidade, que geram dificuldade em seu acesso. E dependendo da hora e da emergência no atendimento, são necessários mais tempo, dinheiro e energia em seu deslocamento. O mapa destaca como tais locais não são próximos. Como exemplo, os aparelhos mais próximos são o Pronto Socorro e a



Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher - DEAM, que ficam a cerca de quinze minutos de ônibus ou vinte e cinco minutos de caminhada um do outro.

Na hipótese do esforço da vítima de sair do local de violência e percorrer um caminho até a delegacia. Refletir onde estão esses espaços de atendimento e como se distribuem é fundamental. A falta de acessibilidade no deslocamento para acesso a esses espaços pela cidade, influenciam na denúncia.

### Mapa 1 – Principais redes de Proteção e atendimento a Mulher no Município de São Gonçalo.



(Elaboração da autora)



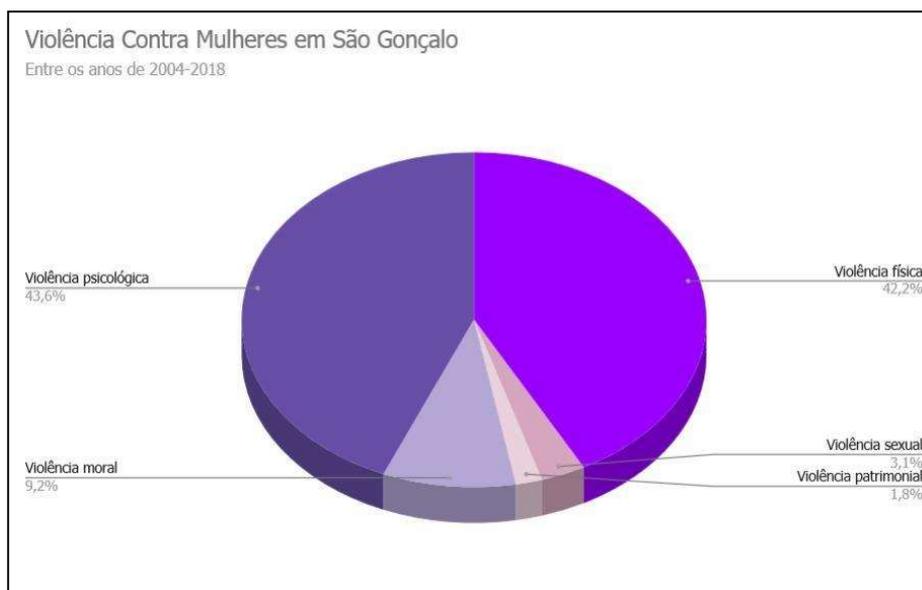
Os resultados retirados do Dossiê da mulher, que é organizado anualmente pelo Instituto de Segurança Pública – ISP, demonstra de forma assustadora o potencial avassalador que se configurou a relação de homens e mulheres na sociedade, que está atrelado a um histórico de submissão a outro gênero, que muitas das vezes é exercido por diferentes ângulos de violência. Sinaliza nesse documento que companheiros e ex-companheiros estão como autores na maioria dos casos de lesão corporal dolosa contra mulheres. Em todas as violências contra mulher, os dados reforçam que essas são mais agredidas por pessoas próximas ou conhecidas do que por estranhos, corroborando também o fato de o local do crime ser, em sua maioria, a residência.

Um das questões levantadas diz respeito ao perfil da mulher que mais denuncia e que procura a proteção da polícia. Este perfil varia de acordo com o tipo de violência, mas tem em sua maioria mulheres negras e pardas. Isto não significa que mulheres de outros grupos sociais não sofram com a violência doméstica.

Os dossiês trazem dados que demonstram que não é possível definir, de forma clara, um perfil social da mulher que sofre violência, pois existem mulheres de diferentes grupos sociais que estudam e trabalham e, mesmo assim, sofrem violência. Por outro lado, é possível perceber o perfil das mulheres que mais procuram a polícia e que, portanto, aparecem mais nos dados de violência.

O levantamento mostra que o município de São Gonçalo tem um dos maiores índices de casos registrados, além de estar no topo dos crimes de Violência Psicológica e Violência Física. Isso pode ser visto no percentual de denúncias de violência, ao longo dos dados, expostos nos documentos analisados:

Gráfico 1 – Percentual de denúncias de Violência contra Mulheres



Fonte: Dossiê Mulher. (Elaboração da autora)

No gráfico 1, o crime de Violência Patrimonial é o que menos aparece, isso pelo fato de sua quantificação ser mais recente. No perfil de casos da violência patrimonial, encontram-se mulheres brancas, entre 25 e 59 anos. Esta é uma representação importante da violência baseada no gênero, pois, através da força, o agressor visa a afirmação da dominação sobre a mulher vítima. Em sua intenção está o sofrimento, desconforto, falta de autonomia e independência com a retirada de documentos, bens entre outros itens.

A violência doméstica contra a mulher é, assim, um problema que atinge todas as camadas sociais da nossa sociedade, independente de *status* social — ainda que mulheres negras e pobres sejam as que mais enfrentam essa realidade. O machismo e sexismo são causas que corroboram para essas violências. Como exposto por Sepulveda&Sepulveda (2019):

O machismo é o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de um indivíduo que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino sobre o feminino. Portanto, o machista é o indivíduo que exerce o machismo. Em um pensamento machista existe um sistema hierárquico de gêneros, onde o masculino está sempre em posição superior ao feminino. Ou seja, o machismo é a ideia errônea de que os homens são "superiores" às mulheres. (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2019, p. 63).



Isso significa que ações violentas, expressadas de diferentes formas nos corpos de mulheres, têm relação com a construção histórica da superioridade e poder masculino sobre o feminino

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise crítica do contexto, no qual, se insere o tema é necessário face o papel social que a/o pesquisador/a pode posicionar-se, num sistema opressor. Neste sentido, somos levados a pensar o contexto social, político, econômico e cultural que alimentam esse espaço tão violento.

Estamos diante de limites e desafios, mas romper com a violência é um processo que precisa de muitas mãos. Por isso, fortalecer as redes e dar cada vez mais força para a criação de ambientes favoráveis ao empoderamento social, político e psicológico das vítimas, com vistas ao rompimento da situação de violência, é crucial.

Os órgãos responsáveis devem estar articulados para que haja uma devida atuação e que esta seja efetiva e continuada. É visível e expressiva a necessidade de fortalecer cada vez mais essas redes, pois os casos de violência contra a mulher são assustadores. Sabe-se que estes não são problemas presentes apenas no recorte de São Gonçalo, mas que de fato existem além dessas fronteiras municipais, abrangendo todas as classes sociais, mesmo com situações e contextos diferentes.

A violência doméstica atinge a toda uma sociedade –mulheres, crianças, jovens e adolescentes– e que as pessoas que são vitimadas levam sequelas, muitas vezes incuráveis. O controle, a força e o abuso sobre o outro podem atingir qualquer pessoa, seja ela rica, pobre, independente de sua religião, cultural, casada ou solteira, da sua idade, seja ela de qualquer grupo étnico.

É nítido que existe um grupo específico que sempre sofre mais, mulheres e meninas pobres negras estão no topo dos índices de violência. Mas o ponto é que devemos repensar nossa sociedade e nosso sistema cultural

A análise dos dados reforça que a violência contra a mulher é um fenômeno que exige um comprometimento não só das forças de segurança, mas também um compromisso com uma mudança da visão que se tem acerca da condição da mulher no contexto social atual. É importante o fortalecimento das redes de apoio, aprimoramento e especialização das equipes, efetivação na ordem de restrição contra os agressores e a



agilidade no cumprimento que teriam impactos relevantes nos dados e no enfrentamento desta problemática na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo, N-1, edições, 2020.

BOURDIEU, P. **A Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 2002.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

Dossiê Mulher/ Instituto de Segurança Pública; Disponível em <<http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=212>> Acesso em: 27 de outubro de 2021.

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**/ Silvia Federici. Tradução ColetivoSycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

GRANDI, M. S. COLAPSO E DETERMINISMO ESCALAR EM TEMPOS PANDÊMICOS: REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE A CASA, O “ISOLAMENTO SOCIAL” E O DÉFICIT HABITACIONAL. **Revista Tamoios**. 2020 63-87

LAN, D. El Circuito Espacial de laViolenciaDomestica: Análisis de Casos en Argentina / The SpatialCircuitofDomesticViolence: A Case Studyfrom Argentina. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.1, n.1,p. 70-77, jan. / jul. 2010.

\_\_\_\_\_. Gênero y violencia: una ostentación de género en cada concepto. **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**/ Organizado por Joseli Maria Silva Augusto Cesar Pinheiro da Silva. Ponta grossa: Todapalavra, ed. 1. 2011. 264 p.

\_\_\_\_\_. Violencia de género, circuitos espaciales y micromachismos. **Diálogos ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades**/ organizado



por Joseli Maria Silva; marcio Jose Ornat e AlidesbaptistaChumun Junior. Ponta grossa: Todapalavra, 2017. 280 p. : Il

LOURO, G. L. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidades e teoria queer/ Guacira Lopes Louro. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MASSEY, D. Pelo Espaço. uma nova política da espacialidade. / DoreenMassey; tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. – Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 2009. 314p.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, R. E. **Movimentos sociais e geografia**: sobre a(s) espacialidade(s) da ação social. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

SEPULVEDA, D; SEPULVEDA, J. A. Trabalhando questões de gênero: criando e recriando currículos para a valorização do feminino. **Periferia**, Duque de Caxias, v. 11, n.4, p 58-80, set/dez, 2019.

SILVA, J. M; ORNAT, M. J; JUNIOR, A. B. C. **Diálogos ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades**/ organizado por Joseli Maria Silva; Marcio Jose Ornat e Alides Baptista Chimin Junior. Ponta Grossa: Todapalavra, 2017. 280p

SILVA, J M. Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial /organização Maria das Graças Silva Nascimento Silva, Joseli Maria Silva. Ponta Grossa, Toda palavra, 2011.

\_\_\_\_\_. Gênero e Espaço. In: AZEVEDO, Abreu de; MORAIS, Marcelo Alonso de (orgs). **Ensino de geografia**: novos temas para a geografia escolar. EDIÇÃO/ANO: 1a – 2014.

\_\_\_\_\_. **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades / organizadora Joseli Maria Silva. -- Ponta Grossa, PR : TODAPALAVRA, 2009.